

MUSEU ITINERANTE: UMA NOVA ABORDAGEM EM AULAS PRÁTICAS DO ENSINO DE ZOOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

DALMORRA, Camila¹; LEAL, Cloviane²; GOTTSCHALK, Marco³

¹*Universidade Federal de Pelotas – camiladalmorra@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – pretabiologia37@gmail.com*

³*Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Pelotas – gotts007@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O estudo de animais invertebrados se justifica por constituírem 99% da biodiversidade mundial, e ainda por escassearmos de estudos científicos com tais organismos para elucidar diversas questões como, por exemplo, sobre as relações filogenéticas entre grupos de invertebrados. Isto reflete diretamente na prática escolar e na construção do saber na educação básica, onde os estudos relacionados aos invertebrados podem ser superficiais. Com a expansão dos estudos na área de Entomologia, houve um avanço nos conteúdos e abordagens utilizados na escola, porém ainda restritos aos invertebrados da classe Insecta com importância econômica e agrícola, deixando fora das discussões em sala de aula os invertebrados marinhos, mais distantes da realidade cotidiana dos educandos.

Visando transformar informações em conhecimento, ANTUNES (2001) destaca a importância do uso de estratégias pedagógicas empolgantes e diversificadas. Há a necessidade de que o professor conheça outras estratégias de ensino e saiba alterna-las com a aula expositiva. Corroborando com isso, VYGOTSKY (2000) afirma que os conceitos científicos não são assimilados, nem decorados, nem memorizados, eles surgem e se constituem por meio de uma imensa tensão de toda a atividade do próprio pensamento. Visando melhorar a assimilação dos conceitos, o educador deve fazer uso de outras metodologias de ensino, para que de fato o aluno aprenda e não somente decore os mesmos.

Conforme AUSUBEL (1978), existem dois extremos em termos de aprendizagem. Por um lado, temos a aprendizagem mecânica sendo esta a que o estudante memoriza conceitos desconectados e desprovidos de grande significado. No outro extremo, há a aprendizagem significativa, quando novos conhecimentos (conceitos) são interligados a conhecimentos já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz, de uma maneira substantiva e não arbitrária.

Assim, o estudante deve ser motivado para que a aprendizagem tenha significado, por meio de atividades diferenciadas lúdicas, propõem-se fazer com que os mesmos sejam os agentes ativos na construção do conhecimento.

Este projeto visa propor diferentes metodologias para a abordagem da Zoologia de Invertebrados marinhos na educação básica de forma a fornecer um ensino significativo e abrangente da Zoologia, além de estabelecer a importância da apropriação do espaço das escolas de ensino básico com os alunos da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Drº Armando Fagundes, situada na rua Cruz Secco 239. Bairro Fragata, na cidade de Pelotas. Caracteriza-se como uma escola de bairro periférica.

A atividade foi realizada na área aberta da escola visando uma abrangência maior de público para a exposição do material. Foram utilizados espécimes conservados dos táxons Porifera, Cnidaria (Anthozoa e Scyphozoa), Annelida (Polichaeta e Oligochaeta), Mollusca (Gastropoda, Bivalvia e Cephalopoda) e Echinodermata dispostos sobre uma bancada, em conjunto uma breve explicação sobre a biologia destes animais. Também foram utilizadas imagens impressas dos personagens da animação “Bob Esponja Calça Quadrada” para analogia com os seres vivos ali representados.

Todas as turmas da escola participaram da atividade, porém para este trabalho foram utilizados os dados obtidos com o questionário prévio e posterior realizado com alunos de 4º, 5º e 6º ano. Foram escolhidos ao acaso três alunos de cada ano para responder ao questionário e para análise dos dados foram consideradas as mudanças nas respostas dos questionários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comparação entre os questionários prévios e posteriores foi extremamente contranatural, visto que esses alunos escolhidos ainda não tiveram contato com o conteúdo curricular correspondente a Zoologia, portanto os questionários prévios eram desordenados e com respostas equivocadas enquanto os questionários posteriores apresentaram 100% de respostas corretas.

Este resultado corrobora com LUNETA (1991), que afirma que as aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos e que sugerem práticas diferenciadas e metodologias dinâmicas como ferramentas auxiliadoras na construção do conhecimento.

Além dos resultados obtidos com a aprendizagem dos estudantes da educação básica, este trabalho tornou-se uma ferramenta no que tange a formação inicial docente para as acadêmicas do Curso de Licenciatura envolvidas no trabalho.

Como afirma JEZINE (2004), a extensão universitária passa a ser integrante na dinâmica pedagógica do processo de formação acadêmica, expandindo a produção de conhecimento. Uma nova visão que permite o diálogo entre professores e alunos, oportunizando uma flexibilidade no currículo, e possibilitando ao aluno a obtenção de uma formação mais crítica e construtiva.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que aulas práticas com metodologias dinâmicas são indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem significativo, devendo se fazer presentes durante e desde a educação básica.

E que a utilização de projetos de extensão é de importância absoluta na formação inicial de professores, fazendo com que se reflita de forma crítica a prática docente e, deste modo, se consiga atingir um nível de excelência na formação pessoal e profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Educational Psychology: A Cognitive view**. Nova York: Holt, Rinehardt & Winston, 1978.
- LUNETTA, V. N. Actividades práticas no ensino da Ciência. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 2, n. 1, p. 81-90, 1991.
- JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 2. Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte. Disponível em: Acesso em: 20 de agosto de 2011. (2004)
- 1992, **Anais...** Santa Maria: Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, 1992. v.1. p.420.